

A JORNADA DO HERÓI E DA HEROÍNA: UMA DISCUSSÃO ANALÓGICA À LUZ DA MITOPSIOCRÍTICA

THE HERO END HEROINE'S JOURNEY: AN ANALOGICAL DUSCUSSION ACCORDING TO MITHOPSYCOCRITIC

Maria Goretti Ribeiro¹
Ana Maria Leal Cardoso²

Resumo

Considerando o modelo da jornada do herói mítico proposto por Joseph Campbell, do processo de individuação elaborado por Jung e da jornada da heroína traçado por Ellen Douglas, Carol Christ e Annis Pratt, este trabalho intenta demonstrar as diferenças entre a jornada do herói masculino e da heroína literária em romances produzidos por mulheres, pontuando “a busca social” vivenciada pela mulher jovem e a “jornada de renascimento” pela mulher madura.

Palavras-chave: herói mítico; heroína literária; comparatismo temático.

¹ Doutorado em Letras e Linguística na Universidade Federal de Alagoas (2003), Pós-Doutorado em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia (2017). Pesquisa sobre imaginário mítico-simbólico e arquétipos na literatura, nas artes e na cultura e sobre literatura. Atualmente ocupa a função de presidente do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário – CEPESI. É sócia fundadora do Centro Campinense de Estudos africanos. Membro do GT Imaginário, representações literárias e deslocamentos culturais, da ANPOLL. Coordena o Grupo de Estudos Junguianos AION na Universidade Estadual da Paraíba. Publicações, dentre outras: *A via crucis da alma: leitura mitopsicológica da trajetória da heroína de As parceiras, de Lya Luft* (2006), *Imaginário da Serpente de A a Z* (2016), *Luz do Claustro – poesias* (2017).

² Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (2005). Professor Titular da Universidade Federal de Sergipe, atuando na graduação e na Pós-Graduação em Letras. Trabalha com os seguintes temas: imaginário mítico-simbólico no texto literário; cultura; crítica feminista; literatura e psicologia e crítica junguiana da cultura. É pesquisadora do CEPESI- Centro Paraibano de Estudos do Imaginário e coordenadora o GELIC- Grupo de Estudos de Literatura e Cultura/ UFS. Desde 2006 desenvolve pesquisa de resgate sobre a romancista sergipana Alina Paim. Dentre outras produções: *Alina Paim - resgate de uma narrativa poética* (2017).

Abstract

Considering the mythical hero's quest model proposed by Joseph Campbell, the process of individuation defended by Jung and also the heroine's journey by Ellen Douglas, Carol Christ and Annis Pratt, this paper intends to show the differences between the literary hero and heroine's journey in novels produced by women, emphasizing "the social quest" experienced by the young lady and the "quest for rebirth" by the mature woman.

Key-words: Mythical hero; literary heroine; thematic compativism

Revisando o conceito de herói

Nas lendas, um príncipe mata dragões para salvar sua amada: uma pequena sereia suporta padecimentos infinitos em seu corpo, para poder amar seu príncipe por algum tempo – pois sabe que em breve há de se desfazer em espuma. Gnomos e feiticeiras manipulavam os seres humanos; no Céu, media-se cada centímetro de possíveis culpas das pessoas, joguetes entre Deus e o Diabo.

LYA LUFT

Joseph Campbell deixou uma grande contribuição para estudos do imaginário quando elaborou o seu clássico conceito de herói e descreveu o modelo de sua jornada nos mitos, nos contos de fada, nas lendas, nas religiões, nas artes, nos rituais, na literatura em especial. Há décadas este método morfológico tem servido de âncora para críticos literários, fenomenólogos, mitólogos, psicólogos, culturalistas, enfim, para quem deseja interpretar a ação deste personagem arquetípico que sempre despertou nas pessoas uma profunda admiração e o desejo de imitar suas proezas. Isto porque o herói, com seus dons especiais, encarnado na pele de personagens míticas, lendárias, históricas, divinas, é a figura redentora e criadora que empreende esforços para solucionar grandes problemas sociais bem como para conseguir transformação e renovação pessoal através da ampliação da consciência. Para tanto ele desconstrói clichês anatômicos a fim de validar mudanças, corrigir falhas, reparar carências e suprir as necessidades de uma pessoa, de uma comunidade, de uma época, enfim. O herói nasce predestinado para a difícil missão de servir à coletividade e para cujo fim se sacrifica, abandonando velhos padrões existenciais, fundando algo potencialmente novo que revitaliza a tradição. Campbell conceitua o herói como

o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humano. Eis por que falam com eloquência, não da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce (CAMPBELL, 2000, p 43).

Para este mitólogo, todo o sentido da jornada do herói reside no fato de servir como padrão geral para homens e mulheres, onde quer que se encontrem ao longo da escala da vida. Por isto, “ridículo ou sublime, grego ou bárbaro, gentio ou judeu, cuja vida se multiplica em diferentes terras e povos, sua jornada sofre poucas variações no plano essencial”. Indestrutível e imortal, ele apenas se transfigura e avança em direção à sua humanização através dos séculos. (cf. CAMPBELL, 2000, p. 42)

Campbell reconstrói a história universal do herói, adicionando-lhe paralelos cósmicos e metafísicos numa cadeia de acontecimentos e traça o modelo dessa jornada servindo-se de um percurso padrão de aventura humana mitológica apresentada nos rituais de passagem de diferentes culturas e épocas sob a sequência: separação-iniciação-retorno, que pode ser resumida na seguinte fórmula: um *chamado* especial do arauto convoca o herói para a aventura em algum lugar desconhecido e perigoso. Aceitando o chamado, ele *parte* para esse lugar marcado pelo destino; recebe *auxílio sobrenatural* para enfrentar os *obstáculos do limiar*; desce às *regiões desconhecidas*, iniciando-se uma etapa de *provas* difíceis na qual deverá *enfrentar os guardiões* do tesouro, *matar um monstro*, conhecido como o maior obstáculo da jornada; *resgatar* o tesouro e/ou a cativa e *retornar triunfante* para o reino ou para a comunidade de onde proveio. De modo que o motivo arquetípico único desta jornada é a busca de um objeto valioso capaz de transformar algo ou alguém e fornecer o elixir da felicidade.

Não obstante serem encontradas pequenas variações na morfologia da aventura, nos papéis envolvidos, nas vitórias obtidas, cujos elementos ausentes do padrão básico provavelmente estejam implícitos, o modelo da jornada resume-se na ação de um homem bom e altruísta, egresso de um mundo inocente e harmonioso, do cotidiano tranquilo, que se aventura numa região de prodígios sobrenaturais. Ali encontra fabulosas forças com quem trava uma grande luta para conseguir o objeto da busca, obtém a vitória decisiva e volta com os benefícios para si ou para seus semelhantes.

Revedo conceitos de heroína e seus papéis arquetípicos

Enquanto o perfil do herói mítico se manteve imutável e seus feitos extraordinários cristalizaram-se ao longo dos séculos, inspirando escritores clássicos, contadores de histórias, (atualmente, produtores cinematográficos) até pessoas comuns, o conceito clássico de heroína tornou-se bastante flexível graças às mudanças por que vem passando ao longo do tempo e aos papéis desempenhados pelas personagens nas narrativas literárias, principalmente, a partir dos meados do século XX, quando muitos escritores e escritoras foram influenciados pelos movimentos feministas.

Algumas linhas radicais da crítica feminista consideram heroína a personagem feminina de obras literárias escritas por mulheres que, desafiadoras e obstinadas, insurgem-se contra o domínio masculino e conseguem reverter o papel político-social a que estão submetidas como vítimas do patriarcado. Muitas dessas narrativas contam histórias de mulheres massacradas e violentadas por seus parceiros que conseguem se libertar do admoestador para usufruir de uma liberdade conquistada ainda que por meio de duras penas. Não raro, as teses feministas defendem a ideia de que heroína é a mulher que luta contra o preconceito e discriminação dos “donatários do mundo”, adquirindo assim identidade e independência. A ação da heroína feminista centra-se na desconstrução dos complexos de inferioridade feminina, conservada pela tradição cultural arbitrária e preconceituosa que alienou a mulher durante séculos.

Essas mulheres enfrentam um grande mal chamado poder falocêntrico. Suas façanhas são, principalmente, livrar-se do jugo patriarcal imposto pela figura do pai e do marido, rever conceitos obsoletos sobre mulher, promover mudança de mentalidade nos mais diversos campos das atividades humanas, confirmar que a era do Feminino ultrapassa o racionalismo neoplatônico que impugnou as emoções femininas e reificou a mulher. A heroína feminista desmitifica o papel de esposa, dona-de-casa e mãe, e assume personas sociais coerentes com formas de viver adequadas a suas prioridades, ousando negar as convenções patriarcais moralistas, quebrando as forças imperativas da opressão, reivindicando os direitos comuns a qualquer cidadão, lutando contra toda forma de subserviência ao homem. Segundo a crítica feminista, nas obras literárias de produção feminina, a mulher, que sempre fora o objeto idealizado na literatura produzida por homens, passa a ser sujeito de seu próprio discurso, construindo uma personalidade própria, narrando com voz própria, defendendo suas ideologias e reivindicando a realização de seus mais íntimos desejos.

Essa nova mulher, antes de tudo, percorre um árduo caminho de conscientização, supera sua “condição de vítima” e, mediante uma tomada de consciência dos dramas existenciais, dos problemas familiares e conjugais, das tragédias e dos erros provocados pelos sistemas opressores, preconceituosos, punitivos e violentos, consegue romper com certas convenções socioculturais esclerosadas por meio de estratégias inteligentes.

Falando sobre a heroína dos romances escritos por mulheres, Nelly Novaes Coelho (1993, p. 11–17) evidencia o comportamento diferenciado das personagens femininas ao enunciar suas crises, ao fazer suas denúncias, ao representar suas vozes e sua nova mentalidade social. Nelly admite que as heroínas dos romances tradicionais, superficialmente descritas como exemplos de virtude e inocência, comportam-se conforme conceitos patriarcais quando, pensando pouco ou não pensando, agem em benefício do homem. Todavia, na opinião desta analista, o final do século XX gestou uma nova mulher que tenta se posicionar em relação à vivência autofágica feminina e “à falência do modelo-de-comportamento feminino herdado da sociedade tradicional, como também à independência existente entre múltiplas formas de criação literária e os estímulos ou imposições do contexto sociocultural em que essa criação surge”. Isto significa que “da submissão ao ‘modelo’, ela passa, gradativamente, à sua transgressão e, nos anos mais recentes, à busca de uma nova imagem que lhe permita se auto-identificar novamente com segurança”. Para esta analista, a ação da personagem de romances de teses feministas é realmente heroica porque rompe com a imagem padrão de mulher (anjo/demônio; esposa/cortesã; ‘ânfora de prazer’/ ‘porta do inferno’, etc.) e, em vez de optar por um desses comportamentos, assume ambos e revela a ambiguidade do Feminino e a capacidade da mulher de reverter situações consolidadas há séculos.

Também Ellen Douglass (1995, p. 93–95) concebe que a busca da heroína tomou uma feição própria na literatura produzida por mulheres. Discutindo sobre esta questão ao analisar o romance *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, observa que tal diferença torna-se evidente no ato de narrar sob o ponto de vista de uma mulher, que, por si só, já é uma significativa mudança. Demonstrando que há uma importante diferença entre o sujeito da busca, por um lado, e o objeto da busca por outro, Douglass chama atenção para o fato de que o modelo do herói mítico tem uma estrutura narrativa binária e uma hierarquia marcada por pares de construção que se expressa de forma que a masculinidade atua como subjetividade transcendente e a feminilidade como o “outro” imanente, situação que a ensaísta Simone de Beauvoir identifica como as pedras angulares da ideologia patriarcal. Segundo Douglass, na

aventura do jovem herói mítico, a mulher, incapacitada de construir sua personalidade e individualidade, torna-se o objeto da busca masculina, como demonstra citando um trecho de “O herói de mil faces”:

A mulher representa, na linguagem pictórica da mitologia, a totalidade do que pode ser conhecido. O herói é aquele que aprende. À medida que ele progride, na lenta iniciação que é a vida, a forma da deusa passa, aos seus olhos, por uma série de transfigurações: ela jamais pode ser maior do que ele, embora sempre seja capaz de prometer mais do que ela já é capaz de compreender. [...] E se ele puder alcançar-lhe a importância, os dois, o sujeito do conhecimento e o seu objeto, serão libertados de todas as limitações (CAMPBELL, 2000, p. 117).

Douglass argumenta que tal pensamento só confirma a insipiência do ser feminino e demonstra a persistência dos velhos preconceitos que submetem a mulher ao homem no modelo do herói mítico. Expondo seu pensamento reacionário contra tal concepção preconceituosa, ela aponta pelo menos três tipos de busca que revelam os passos da jornada das não ortodoxas heroínas que empreendem sua trajetória em obras literárias: “a busca mítica da heroína, ‘dita feminilizada’; a busca do herói feminino e a busca feminista”. “A busca mítica da heroína” visa a acomodar-se à identidade convencional da protagonista feminina; na “busca do herói feminino”, a protagonista fêmea é inversamente “masculinizada” a fim de acomodar-se ao centrismo masculino convencional do paradigma mítico. Enquanto estes primeiros tipos dependem da noção patriarcal de identidade de gênero; o terceiro, “a busca feminista” exige a rejeição do paradigma binário, pois a protagonista segue na direção de várias identidades sem se atrelar a questões de gênero.

A tarefa do herói e da heroína no processo de individuação

Havemos de considerar que desde que a heroína de Tolstoi, Ana Karenina, assumindo sua patética paixão extraconjugal, ousando contrariar os rígidos padrões morais da sociedade de sua época, desafiando seu papel de esposa e de mãe, experimentando a angústia da culpa e do medo, resolveu finalizar sua desorientação psicológica com o desmembramento ritual suicida nos trilhos de um trem, muitos romances surgiram tematizando a aventura da alma feminina pelos caminhos sombrios e nefastos da psique e passaram a celebrar o mistério da morte sacrificial e despedaçamento simbólico, instaurando um novo ciclo heroico, desta vez,

diferenciando-se do modelo mítico da jornada triunfal feminina vivida por Psique e Atalanta nos clássicos mitos gregos.

Assim, influenciada por Tolstoi e seus imitadores, a literatura produzida tanto por homens quanto por mulheres se dedicou à exploração corajosa e atenta da fragmentação do ser, do holocausto do Ego, vociferando culpas ou enunciando panaceias espirituais, tornando a tragédia o gênero maior; enfim, substituindo o “final feliz”, que pertence ao “nunca” da infância e à “eternidade celestial” dos velhos que caminham para a “grande noite” pelo “não-final” ou pelo final coerente com a “realidade heroica do homem moderno, cuja vida se expressa como uma passagem difícil da desintegração e crucifixão do ego” (cf. CAMPBELL, 2000, p. 34).

Incontáveis narrativas surgiram tematizando a viagem de autoconhecimento ou de crescimento interior em busca dos aspectos integrantes do Si-mesmo para compor a personalidade total, em que prevalece o subjetivismo psicológico que reconhece e considera a individualidade do sujeito e seu valor como pessoa. Nessas narrativas a heroína é a personagem que se confronta com obstáculos, enfrenta os aspectos sombrios de sua personalidade (ainda que se sinta perseguida pelo medo que muitas vezes tende a aumentar-lhe as forças) experimenta perdas, limitações, até derrotas, e consegue superar seus dramas psicológicos e sociais. Para vencer os obstáculos que surgem durante a jornada, tais como o instinto materno aguçado, o instinto de morte e de destruição, característicos do processo de individuação na fase de confrontação com os complexos destrutivos do inconsciente, sempre presentes na trajetória da heroína e que representam obstáculos principais ao triunfo da jornada, o grande desafio dessas mulheres é curar as feridas psíquicas para se reintegrar ao meio social. Para tanto é necessário recuperar, simbolicamente, o “poder fálico” representativo das qualidades do *animus* e a força das divindades ctônicas inerentes ao Grande Feminino.

Do ponto de vista psicológico, a aventura do herói mítico funciona como um modelo arquetípico que pode servir para a heroína que deseja adquirir autoconhecimento, que tenha o propósito de realizar uma mudança psicológica a fim de experimentar novas realidades existenciais. Assim a tarefa da individuação consiste, no primeiro ato, em

retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que C. G. Jung denominou ‘imagens arquetípicas’ (CAMPBELL, 2000, p. 27-28).

Na concepção de Carl Gustav Jung e de seus discípulos, a alma é o lugar em que o herói ou a heroína (ou qualquer pessoa do mundo real) realiza sua trajetória de transformação psicológica. A jornada do herói mítico metaforiza a tarefa do Ego que, auxiliado pelo *Self*, tem a função de iluminar os conteúdos inconscientes reprimidos pelas máscaras sociais a fim de promover uma renovação psicológica. Tal renovação exige o sacrifício egoico de se afastar do paraíso da infância, ou seja, do cuidado e da proteção maternos, criando uma situação interna através da qual o indivíduo possa avançar para novas etapas de amadurecimento, unificação e integração da personalidade a fim de assumir as responsabilidades da vida de um modo adulto. Desligar-se da mãe é um gesto heroico para qualquer pessoa ou personagem que se mantenha ligada às imagens não exorcizadas da infância em todas as etapas e situações existenciais. Grande ato heroico é quando o indivíduo transforma o Ego infantil para, no reino da morte simbólica, transformar-se e renascer para um Si-mesmo pleno, o que significa tornar-se indiviso e completo, convertendo as ilusões inconscientes em experiências propícias ao bem viver.

Jung (1987, p. 525) fala da natureza simbólica dessa aventura pelos perigosos caminhos da psique, quando se vive o processo de individuação, cujo “percurso se realiza como uma descida às camadas mais profundas do inconsciente, um lugar sombrio em que obscuras resistências são superadas e forças esquecidas, perdidas, são revitalizadas” a fim de que se tornem disponíveis para a transformação do Ego, este que empreende uma travessia em direção ao “Grande Homem interior” para operar mudanças psicológicas e renovação da vida pessoal, tornando-se capaz de distinguir a psicologia geral e coletiva da particular e individual.

A meta da individuação é destituir o *Self* dos falsos envoltórios da Persona e da força sugestiva das imagens primordiais. O processo de transformação pessoal tem início quando os medos e temores do homem se transformam em seus opostos e o caminho existencial muda seu itinerário da euforia dos sentidos para a expectativa da morte. Tal transformação é uma necessidade humana a fim de se aceitar as modificações causadas pelas etapas existenciais que o homem vivencia e para corrigir erros e equívocos que provocam mudanças dolorosas na vida do indivíduo. Isto porque

se ousarmos alguma vez olhar para dentro, talvez por um enérgico esforço de rara honestidade, ao menos para consigo mesmo, poderemos ter uma sensação de necessidades, nostalgias, temores, de contrariedades e coisas obscuras. [...] As convicções transformam-se em discos gastos, os ideais em hábitos rígidos e o entusiasmo em gesto automático. [...] estamos determinados a nos transformar [...] Tudo o que é jovem um dia envelhece, toda a beleza fenece, todo calor esfria, todo brilho se extingue, e toda verdade se torna vazia e chã. Pois todas estas coisas um dia tomaram forma e todas as formas estão sujeitas

à ação do tempo; elas envelhecem, adoecem, se desintegram – caso não se transformem (JUNG, 1995, p. 345).

O *Self* é o mais importante arquétipo da individuação visto que coordena as inúmeras ações da personalidade e é responsável pela caracterização individual de cada pessoa, buscando uma melhor adaptação possível nas diversas fases do desenvolvimento ao longo da vida. No modelo progressivo da individuação, quatro arquétipos funcionam como elementos coadjuvantes do Ego: a Sombra, que representa aquilo que foi repudiado pelo indivíduo ao longo da vida; o par *Anima/Animus*, que representa o “outro” no relacionamento social, e o *Self* que representa a totalidade da psique. Este último aparece no momento-chave de transformação da vida, quando se integra a Sombra, se lida com o par de opostos e, finalmente, se integra a personalidade total em que se conjugam conteúdos inconscientes aceitos e transformados pela consciência. A individuação só é possível quando o sujeito identifica esses conteúdos inconscientes e os reintegra à consciência do Ego.

No processo de individuação, a missão de Ego heroico é trazer à luz da consciência “o deus-homem universal” para encontrar a própria “alma perdida”. Uma grande massa de homens e mulheres, que Campbell chama de “peregrinos do caminho”, vive de muitas maneiras essa jornada arquetípica, preferencialmente, através de aventuras rotineiras inconscientes e coletivas, sendo ajudados nas dificuldades de suas buscas pelos “auxílios simbólicos” herdados da sociedade em rituais de passagem, considerados geradores de graças concedidas à humanidade pelos seus redentores.

Portanto, quando se indaga ao mito sobre a eterna busca do homem e da mulher, quais os estágios de realização dessa busca, quais os transtornos da transição da infância para a maturidade e qual o sentido da maturidade, vê-se que a história da humanidade revela os arquétipos do herói e da heroína com a mesma configuração, com o mesmo sentido, repetindo os mesmos motivos. Segundo Campbell (1990, p 148), trata-se da “velha história da busca espiritual, porque a vida interior do homem é a mesma”.

A aventura do herói mítico em analogia com a jornada psicológica da heroína

O termo “heroína”, naturalmente caracterizador da ação de uma mulher, indica que existe diferença entre a jornada psicológica masculina e a feminina. Tal diferença não está no modelo padrão da jornada, mas no motivo e no objeto da busca. Se o motivo da busca é a

transformação psicológica, a jornada é simbólica e o seu objeto é o processo de individuação. Deste modo o herói é aquele indivíduo que “realiza o desenvolvimento do ego como se presume que os homens devem emular e admirar” enquanto a heroína é a pessoa que “fornece esse modelo para mulheres” (STEIN, 2000, p. 156), e o modelo para mulheres implica necessariamente o modo de ser e de fazer algumas coisas diferentes do homem.

Apoiando-se nas etapas da jornada heroica feminina propostas por Carol Christ, que, por sua vez, se inspirou no esquema campbelliano para descrever “a busca social” e a “jornada de renascimento” vivenciadas, respectivamente, pela mulher jovem e pela mulher madura, a crítica literária Annis Pratt (In: DOWNING, 1994) analisou várias obras literárias produzidas por escritoras norte-americanas, que ela denomina de “romances de transformação e renascimento”, e concluiu que “a busca social da heroína (que, de modo típico, implica uma série de estágios acentuadamente diferentes dos que Campbell e outros mitólogos descreveram como característicos da jornada do herói masculino”) tem seu próprio roteiro e finalidade, visto que nessas narrativas as personagens demonstram ter uma maturidade psicológica mais completa; em outras palavras, ela consegue alcançar a individuação. Pratt escreve que, rompendo com a dependência da casa paterna e/ou matrimonial, essas personagens se comportam de forma emancipada dos valores ditados pela cultura patriarcal. Provadas numa espécie de batalha egóica para construir suas próprias vidas, elas são impelidas a criar ou “imaginar criativamente mundos alternativos” em que esses moldes opressores não vigorem.

Considerando o suporte temático de histórias centradas em heroínas jovens e maduras que sofrem uma longa provação antes de sua redenção e triunfo, frequentemente escalando mulheres maduras como agente desse sofrimento, esta analista escreve que a busca feminina caracteriza-se como uma jornada psicológica de autoconhecimento. A meta da heroína madura que experimenta a jornada de crescimento psicológico é, prioritariamente, individuar-se, reconciliar-se com o *Self*, ao tempo em que a jovem heroína enfrentará as mesmas etapas do herói mítico para construir sua persona social, obviamente com objetivos diferentes. A trajetória da mulher jovem, caracterizada pela “busca do *Self*”, motivada pela alienação no patriarcado e pelo desejo de integrar-se à sociedade onde deverá se desenvolver plenamente para assumir sua própria vida, difere da “jornada de transformação e renascimento da mulher madura”, que se caracteriza pela busca de uma relação com os poderes cósmicos para reparar danos e consertar erros existenciais.

Assim, tendo em vista estas etapas do processo de desenvolvimento da consciência da personagem feminina, Pratt (In: DOWNING, 1994, p. 205–209) propõe um modelo de jornada da heroína, cujos estágios, mesmo diferenciados do esquema do herói campbelliano mantêm com ele certa relação. Assim, como toda iniciação, esta jornada exige o deslocamento do lugar, a descida às regiões desconhecidas, a travessia pelo caminho difícil e o retorno.

Iniciando sua busca social, a jovem heroína anseia o *mundo verde* (o lugar da aventura, mundo real ou imaginário), *cruza o limiar* para alcançá-lo (na aventura do herói, corresponde à partida), evitando a vitimização da mãe (a prova difícil do herói, luta com o monstro do limiar, o dragão materno que o herói deve combater), imagina o *enamorado do mundo verde* (na jornada do herói, trata-se da mulher como princípio erótico que seduz o homem), correndo o risco de viver a experiência sexual sem desejo erótico, o que pode causar o *trauma do estupro*. Solteira ou casada, ela poderá sentir-se *confinada dentro do patriarcado* porque, de uma forma ou de outra, mantém-se a ligação com o pai (na aventura do herói, corresponde à sintonia com o pai ou à batalha com o irmão), mas também pode encontrar o *complemento da busca* (a apoteose, o casamento sagrado) na consecução da totalidade erótica e profissional.

Entende-se que o *mundo verde* simboliza a natureza, reduto arquetípico de bem-estar e liberdade que mantém certa ligação com o lar primitivo. A jovem heroína é tocada pela ânsia de fugir para um lugar que a liberte dos padrões patriarcais e lhe permita se conhecer. *Cruzando o limiar* de sua jornada, ela se desliga da mãe, que representa um perigo letal para o seu Ego, pois, sendo vítima do patriarcado, a mãe é um modelo de submissão que não deseja copiar. Mesmo assim, ela enfrenta a dificuldade do desligamento e tende a retornar à infância, quando desperta para o Eros, que a leva a fantasiar o *namorado do mundo verde*, um ente não patriarcal que lhe favorece uma relação eminentemente prazerosa e não exerce poder sobre ela. Se esse ente for projetado em uma figura aderente ao mundo patriarcal, pode lhe ocorrer a experiência dramática de uma relação sem a realização do desejo erótico, o que pode provocar-lhe o *trauma do estupro*. A posse da mulher pelo homem contra a vontade dela, a penetração violenta sem o desejo erótico, promove um bloqueio que pode desestruturar o Eros, motivando a internalização da Sombra que sempre é construída com proibições sexuais moralistas.

O confinamento dentro do patriarcado é uma fase quase inevitável que ameaça fechar as portas da busca do *Self*, uma vez que a situação conjugal impede o crescimento do Ego. Em vista disto, a mulher parte em busca de um complemento erótico através do amante para a consecução de sua totalidade, pois raramente o encontra no casamento, constituindo-se um

comportamento marginal agenciador do expurgo do grupo social a que pertence. A experiência sexual extraconjugal, ato heroico para o homem que totaliza sua individuação, significa para a mulher um comportamento condenável passível de punição.

Por seu turno, a “jornada de renascimento da mulher madura” começa com a *rejeição da Persona*. *Encontrando-se com a Sombra e com as figuras parentais*, a heroína recebe a *senha do mundo verde* e se afasta para iniciar a batalha heroica da reintegração dos opostos consciência e inconsciente, cuja finalidade é reparar um mal, consertar erros, evidenciar a *Sombra*. Recebendo os auxiliares mágicos e os guias que deverão ajudá-la a enfrentar as forças adversas, a heroína experimenta o prazer com *o namorado do mundo verde*, defrontando-se com *o arquétipo materno* para que ocorra a transformação da personalidade e consiga *voltar à sociedade* de forma diferenciada da mãe.

Rejeitando a Persona social, afastando-se do patriarcado, rompendo com a identidade social que a submeteu tanto tempo a uma série de papéis que interrompeu seu crescimento psicológico, a heroína madura recebe um chamado para um lugar ideal de recolhimento onde deverá iluminar a *Sombra*. *O encontro com a Sombra*, que está povoada por entes imaginários e desejos rejeitados, acontece por meio das reflexões que facultam o sentimento de culpa dos erros cometidos (a “Sombra ginofóbica” e o *Animus* se fundem numa figura paterna ou em um namorado horrível que reforça suas autorecriminações). Ocorre também o inevitável *encontro com as figuras parentais* tanto na realidade quanto na memória, momento propício para se completar a diferenciação psicológica, principalmente na meia idade. Finalmente, enfrentando *o arquétipo materno* profundo para assimilar com clareza as vivências femininas pessoais e se refortalecer nesse arquétipo, a heroína absorve os elementos positivos e transcende aos elementos negativos herdados dos pais biográficos. Depois de superar o terror do arquétipo materno, de ter conseguido assimilar a explosão de imagens naturais particulares e de ter adquirido amor-próprio, competência e coragem, ela retorna à sociedade como Velha Sábida, como uma mulher renascida com sabedoria espiritual.

E tudo se transforma...

O processo de remitologização na literatura – fenômeno de retomada e transformação dos mitos, resultante da ressaca pós-guerras e da busca das origens paradisíacas que possam consolar a humanidade devastada – assim como a empolgação dos estudos do inconsciente, que

contribuíram tanto para a retomada quanto para a dessacralização dos mitos, influenciaram os escritores contemporâneos a tematizar a derrocada do herói na ação do personagem problemático moderno. Todavia, apesar das inevitáveis transformações do herói arcaico para o moderno, do semideus para o anti-herói, das metamorfoses sofridas por este personagem milenar, a história da busca humana não muda de significado, tendo como motivo arquetípico vencer um mal social ou psicológico, coletivo ou pessoal, para cujo fim se requisita um ato heroico.

É necessário lembrar que o ciclo dos anti-heróis, que teve início com o herói problemático (Dom Quixote é considerado o primeiro da literatura moderna), transfigurou o perfil do herói mítico e o trouxe para a modernidade na pele de um homem comum, mantendo-se um limite entre o semideus e o homem derrotado pelos grandes eventos naturais, socioculturais e principalmente psicológicos. A modernidade desmitificou o herói quando o sujeito enfraquecido pelo seu inconsciente e pelo inconsciente coletivo, insubordinado à divindade, começou a agir em benefício próprio, ancorado em suas ambições e arbitrariedades. Se no mito o poder humano em conformidade com a atuação divina é a chave do heroísmo, visto que a conformação com o destino ajuda o herói a vencer as forças opostas, para o herói moderno o inconformismo é a iniciação na trajetória em busca do Si-mesmo. Na tragédia clássica o que derrota o herói é a luta contra a *moira*; na epopeia, os sentimentos de amor e ódio o tornam espiritualmente preparado para o bom combate; na modernidade quem transforma o herói é a própria impotência humana diante da dor existencial que lhe aparece com muitas configurações. O maior desafio para o herói moderno é a sua impotência para vencer os males sociais e psicológicos.

São muitos os desafios globais que a humanidade enfrenta: guerras econômicas e religiosas, epidemias, violência, corrupção, desastres naturais, fome. Tudo isto provoca incuráveis psicopatologias. No início do século XX, Jung percebeu que o indivíduo moderno estava psicologicamente doente, alienado, em desarmonia consigo e com o mundo. Uma das principais causas dessa crise espiritual foi a crescente subordinação às organizações coletivas configuradas, dentre várias formas, como o consumo capitalista e a subserviência aos poderes sociopolíticos constituídos. O drama continua. A história e as artes têm mostrado que homens e mulheres precisam enfrentar grandes males existenciais, necessitam travar uma batalha heroica para vencer as dificuldades vivencias em todas as instâncias da vida, ambos experimentam as mesmas inquietações tanto no que concerne aos relacionamentos sociais

quanto no que toca aos sofrimentos psíquicos. O grande desafio é bem viver ou sobreviver num mundo tão adverso e impiedoso. O maior destes desafios ainda é superar as limitações da velhice e o medo da morte, esta que sempre foi e continuará sendo o grande monstro que homens e mulheres heroicos não conseguem vencer.

Ainda que o mito do herói permaneça vivo nos contos de fadas, nas religiões propiciatórias e de mistérios, nas narrativas contemporâneas, nos sonhos e nas artes, até na realidade cotidiana, ele vem se transfigurando e revelando novas faces. O herói psicológico é fruto do tempo e assume novas tarefas desafiadoras. Homens e mulheres, que hoje experimentam as mesmas expectativas e temores, precisam chegar a um acordo com as forças do inconsciente que atuam na psique pessoal e social para mudar suas mentalidades e transformar o mundo. Campbell (2000, p. 376) deixou uma expressão que vem a calhar no fecho de nosso pensamento: o herói, antes de tudo, precisa “configurar-se como a medida da maravilhosa existência divina, inexaurível, que constitui, em todos nós, a vida plena”.

Considerações finais

Entendemos que a heroína feminista representada na literatura escrita por mulheres é fruto de um longo processo histórico de evolução do pensamento e de revolução das ideias e resulta da atuação do sujeito feminino como articulador da palavra escrita. Vendo sob este prisma, a jornada da heroína requisita um modelo híbrido porque a busca social da mulher jovem, que deseja adquirir identidade social difere da busca da mulher madura na sua jornada de renascimento, esta que realiza uma viagem interior em busca de crescimento psíquico. Para tanto o modelo da trajetória da mulher madura pontua, com indisfarçável relevância, a morte psicológica como ato simbólico desencadeador desta etapa natural da vida e meio promotor de renascimento. Isto porque a trajetória da heroína madura nas narrativas escritas por mulheres, de preferência maduras também, tende à autobiografia e à escrita de si. Temos comprovado que sua principal intenção é a catarse dos dramas existenciais a fim de curar feridas psíquicas abertas por longo tempo.

Nos mitos, nas lendas, nas narrativas folclóricas, nos contos maravilhosos, nos contos de fada, o herói enfrenta grandes perigos que vêm em forma de monstros e demônios para destruí-lo; as heroínas jovens e maduras também enfrentam perigos, grandes provas e expiações. Só que, nas narrativas de produção feminina, os inimigos, demônios e monstros são

os problemas de relacionamento amoroso, os sentimentos de culpa, os desejos negados, conflitos que precisam ser evidenciados e superados.

Muitas vezes, na jornada psicológica da heroína, há certa impossibilidade de prosseguimento no caminho das provas porque ela se sente incapaz de resolver seus conflitos, adotando a estratégia do “lamento da vítima”. Isto pode ocorrer também com o herói, pois é possível fracassar na proeza da individuação já que este processo requisita uma profunda unidade interior em nível consciente e, muitas vezes, o homem não está preparado para tal empresa. “Uma pessoa pode permanecer dividida, não integrada, internamente múltipla, até chegar a uma idade avançada, e ainda assim ser tida na conta de alguém que viveu uma vida social e coletivamente bem-sucedida, embora superficial” (STEIN, 2000, p.157).

A “morte psicológica”, comum na trajetória das mulheres excessivamente maternais, promovida pelo afastamento dos filhos e/ou do companheiro, pelo falecimento de uma pessoa querida, pela velhice, pela perda de um emprego, aposentadoria, casamento dos filhos, pela impossibilidade de realização de um antigo sonho, pode propiciar a vitimização e a penúria, pois as perdas sempre provocam a famosa depressão da meia idade, facultando os sentimentos melancólicos que precedem a conscientização da morte ou a sua busca para resolver o problema de uma dor dilacerante. Tal sentimento pode funcionar como óbice à plenitude da busca transcendental tanto para o herói quanto para a heroína, entretanto, não raro, pode promover o ato heroico e proporcionar a força necessária para subsistir às provas, ainda que, no final, se torne um herói/heroína trágico.

Morte e renascimento é a chave da metafórica travessia da “noite escura da alma” tanto para homens quanto para mulheres. A ajuda nesta passagem difícil e probatória vem por intermédio da energia libertária do *Self* que ilumina a caverna do inconsciente durante a época de sofrimento psíquico, cuja travessia deixa um aprendizado de como o indivíduo precisa se tornar “cativo provisório das trevas subterrâneas” para se tornar guia luminar para os outros, quando alcança o mundo solar da consciência ou quando acende a lâmpada do conhecimento sélfico. Tanto a heroína quanto o herói resolvem os impasses dos contrários durante esse tempo crítico, descobrindo fórmulas de mudanças, enfrentando e dominando os “monstros” do inconsciente, encontrando saídas para as situações difíceis, transformando-se e renascendo.

Para além da ideia de que heroína é aquela mulher que trava um combate social, político e cultural contra os homens patriarcais, entendemos que se trata de um arquétipo que age em busca de revigorar o verdadeiro Feminino sem seccionar os gêneros no jogo do poder. Heroína é a mulher inteligente e criativa que elabora estratégias para negação das diferenças a fim de proporcionar um

encontro com o outro capaz de ensejar a complementaridade produtiva, direcionando as energias psíquicas para um relacionamento harmônico com o masculino. A heroína protagoniza seus mitos em suas próprias jornadas, sabe fazer escolhas, subsiste a todo tipo de provação: privações, crueldade, abuso sexual, orfandade, carência afetiva, compadecimento. Ela cria possibilidade de salvação, reage no presente e programa o futuro sem ficar ileso aos traumas. Humanamente falível, porém forte e protegida, visto que em meio às turbulências da vida cria possibilidades de sobrevivência, esta figura faz valer seus direitos sem submissão, usa a introspecção, liberta-se dos laços uterinos e usa o escudo da persistência.

A despeito de algumas características peculiares ao herói mítico que são vivenciadas pela heroína jovem nas etapas da “busca sélfica”, a heroína jovem ou madura, mítica, literária ou real é aquela que age em benefício de si mesma e do outro em quaisquer circunstâncias da vida, pois é um modelo arquetípico de mulher, o quarto estágio da *Anima*, denominado por Jung como *Sofia* ou *Sapiência* (cf. JUNG, s/d, p. 185) que sempre vence as forças adversas, celebra o Feminino e transforma o mundo. As forças adversas são interpretadas como o mal, o “demônio”, a *Sombra*, e compreendem os padrões socioculturais opressores, contra os quais a mulher sempre lutou. Realizar o Feminino significa conviver com as irmãs selvagens (cf. CHINEN, 2001), isto é, conviver com a irmandade espiritual feminina, celebrando a beleza e o poder do corpo e da alma não apenas em benefício de um conquistador, mas em usufruto próprio e pelo bem coletivo.

A mulher não precisa negar suas funções de fêmea para ser livre do jugo social. Ao contrário, sua beleza e sua força concentram-se na sua alma feminina que difere da alma masculina porque ela é o “vaso” da criação e da transformação. Comungar com a natureza é uma ação que bem define este perfil da heroína. Recuperar o verdadeiro *Self* é a condição que lhe é exigida para que seja capaz de transformar o mundo; o falso *Self* é cordato e convencional, condizente com o mundo, com o inconsciente coletivo. A heroína recupera o verdadeiro *Self* quando escuta a voz interior da Deusa ou da Velha Sábia que toda mulher traz dentro de si como duas faces de sua natureza sensível e contemplativa, o que lhe possibilita realizar o casamento dos opostos consciência e inconsciente único meio de se crescer do ponto de vista psicológico para ser capaz de conviver de forma saudável com o outro, mantendo sua identidade pessoal livre dos envoltórios sociais.

Mediante a convicção de que o ser e o fazer do homem e da mulher diferem em todos os aspectos de suas naturezas, atividades e realidades socioculturais, demonstramos que as trajetórias do herói e da heroína seguem modelos e etapas semelhantes tanto do ponto de vista

social quanto do ponto de vista psicológico, entretanto os motivos e os objetivos da jornada são diferentes como eles o são entre si.

Referências

BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher**. Tradução de Maria Lydia Remédio. 3. ed. Coleção Amor e Psique. São Paulo: Paulus, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2000.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHINEN, Allan B. **A mulher heróica**. Tradução de Maria Silvia Mourão Neto. São Paulo: Summus, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

DOUGLASS, Ellen. "Female Quest toward 'Água pura' in Clarice Lispector's *Perto do coração selvagem*". In: CANUTO, Cláudia (org.). **Leitura**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, LCV/CHLA/UFAL, Maceió: EDUFAL, dez. 1995.

DOWNING, Christine (org.). **Espelhos do Self**. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 1994.

JUNG, Carl Gustav (org.). **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos de transformação**. Tradução de Eva Stern. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Tradução de Álvaro Cabral. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2000.

Artigo recebido em: 04/08/2018

Artigo aceito para publicar em: 16/09/2018